



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA



A MENINA SOBERBA E A POBREZINHA

POR MARIA EMILIA B. VIANA

A I Jesus, crêdo, hoje não mais cessam de bater à porta!—dizia muito irritada a criada da riquíssima família Soares, que, pela vigéssima vez, se dirigia à porta da rua.

—Quem é? Perguntou, curiosa, a endiabrada, Margarida, filha única dos srs. Soares.

—Ora quem há-de de sér?! Mais um pobrezinho, mais um desherdado da sorte que vem pedir uma êsmola!

—Olha, dizê-lhe que não pode ser! Se fôrmos a dar a todos que nos vem pedir, daqui a pouco temos que fazer o mesmo. Vamos, anda, dizê-lhe que não pode sér!> volve imperiosa a cruel Guidinha.

—Mas... menina, êle vem tão macilento, tão rotinho, que faz dó; venha-o vêr, venha, que há-de ter pena dêle>.

—Eu, ir vê-lo?! Não faltava mais nada!>

—O que vem a ser êste barulho aqui à porta? >perguntou uma terceira voz, que não era senão a da mãe de Margarida.

—Minha senhora, é um pobre...>

—E então, só por isso, tanta confusão, tanto barulho?!

—E' que a menina...>

—Bem; já lhe deste alguma coisa?>

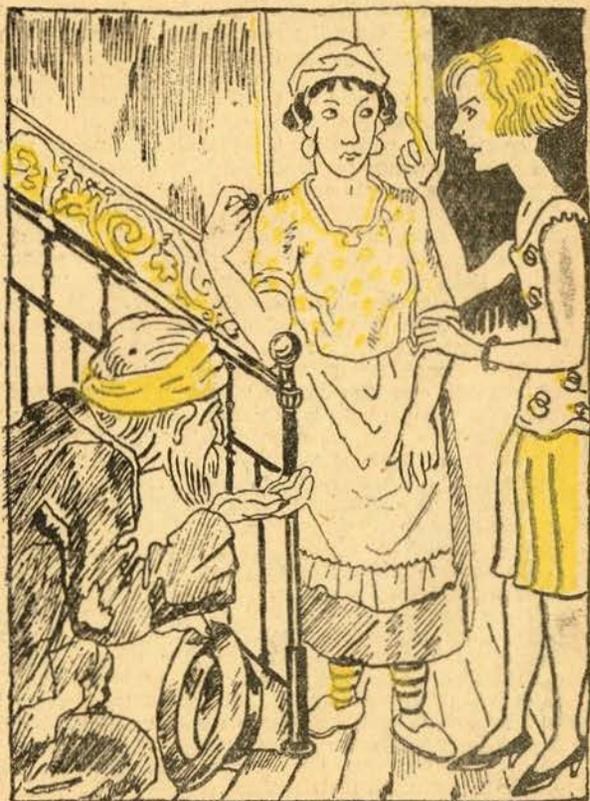
—Não, minha senhora!>

—Então, porque espêras? Vai já dar-lhe um pão e uma chávena de café. Nós nunca devemos recusar nada aos pobrezinhos, ouviste?! E depois, voltando-se para a filha que estava de semblante carregado: >Que isto te fique de lembrança, nunca mais tornarás a negar nada aos pobres, que cá venham bater à porta, percebeste querida?>

—Sim mãizinha!—volveu, quasi num sópro, Margarida.

Escusado será dizer, que as ordens da boa senhora

foram imediatamente cumpridas, com imenso regosijo da criada, mas com verdadeiro desespero de Guida, que





se não podia conformar com a idéia de que existam pobres, êsses maltrapilhos nojentos (como ela dizia a criada, verdadeiramente estupefacta pela dureza daquele coração) que só servem para incomodar quem vai na rua, e, não só isso, que levam o seu atrevimento a ir à casa de cada um, pedir de comer, sem pagarem nada, ao passo que nós, para obtermos qualquer coisa, temos logo que pagar. Assim, quasi que vale mais ser pobre e ir também pedir; pois não achas, Antônia?

—Al, menina, bem se vê que nunca soube o que é a miséria! Ah se soubesse, não falava assim, não; garantio-lhe! Margarida nem sequer respondeu ás «sentenças» da criada, como ela classificava os bons conselhos de Antônia e foi pelo corredor fóra, trauteando uma canção em voga.

Morena, olhos verdes, uma boquita linda, que quando se sorria deixava ver uma fila de dentes certos e alvissimos, que mais pareciam pérolas, as faces levemente rosadas e com uma figurinha muito airosa, Margarida era, o que se podia chamar sem lisonja, uma linda garota. Filha única, neta também única, ela era sempre o objecto de todas as atenções da família, que a enchia de carícias, de presentes e o pior de tudo... de elogios!

Acostumada, pois, a ser tão adulada, vivendo só para o prazer, sem nunca ter sentido a falta de coisa alguma, tornou-se dura, egoísta e altiva, duma altivez que se aproximava muito da soberbia. Odiava a miséria! Os mendigos, os pés descalços, os aleijados, numa palavra os desgraçados, longe de a comoverem, irritavam-na! A senhora Soares, tinha um profundo desgosto pelo feitio, mais do que arrebatado, da filha, pois ela era, como já tiveste ocasião de notar, leitorzinho, muito amiga dos pobreziños e muito caritativa. Sabia bem avaliar todas as tragédias humanas. Sentia-se triste por não poder incutir a Margarida o sentimento de piedade por esses desgraçados. Contudo era fraca. Quando ralhava, a sua voz era sempre de uma acentuação quasi doce e tímida, e quando via as lágrimas assomarem aos olhos da filhinha estremecida, não podia conter-se, ia abraçá-la, acarinhá-la; enchia-a de promessas muito do agrado desta, só para que ela deixasse de chorar. Logo apareciam, também, o papá, a avózinha, as tittis, que a consolavam, dizendo: —Não chores Guida, a mamã só te quis dar um bom conselho; vamos, não chores, vais hoje ao cinema, queeres?! Ou queeres antes bombons, ou um passeio de automovel?! Que queeres tu? Dize! Então Margarida, já completamente desanuviada, muito risouha mesmo, saltava dos braços dos avós para os dos pais e sabem o que ela queria? Pois ouçam!—Quero tudo, quero tudo, quero ir ao cinema, quero os bombons e quero ir de automovel! E os seus desejos eram prontamente satisfeitos. Assim o seu coração (se é que ela o tinha) ia-se tornando cada vez mais insensível, mais egoísta...

Decorria o mês de Agosto.

Em casa de Guida, o reboliço era enorme; um val-vem constante de malas e de mobílias... O telefone andava ocupadíssimo com recados de toda a ordem; e até a nossa heroína estava seriamente preocupada em arrumar, com todas as precauções, as suas inúmeras bonecas. Era a véspera da partida da família Soares, para o solar que havia ultimamente adquirido numa aldeia da nossa encantadora provincia do Minho.

Margarida estava radiante; para completar os seus sonhos, só lhe faltava possuir um palácio na provincia, e esse sonho, pela varinha mágica do dinheiro, transformára-se em realidade!

No dia seguinte, quando num luxuoso automovel pararam em frente do seu majestoso e imponente solar, Margarida sentiu-se possuída duma vaidade mais do que irritante; olhou com soberano desprezo para as crianças da aldeia que, cheias de pavor, rodeavam os recém-chegados e olhavam, extasiadas, ora para o automovel, ora para os seus distintos proprietários, e muito principalmente, para Guida.

Um miúdinho ousou, mesmo, aproximar-se dela e, numa curiosidade muito infantil, perguntou-lhe, ao mesmo tempo que pretendia segurar-lhe a mão, numa intimidade de que as crianças quasi sempre são dotadas, ignorantes, como são, das convenções sociais, e que, por isso mesmo, as torna ainda mais irresistíveis, mais encantadoras...

—Como te chamas?!

Vermelha de cólera, Margarida respondeu:

—Deixa-me, garoto! Não me toques, que me sujas toda, (e continuando cada vez mais implacável):—Como te chamas?! Quem julgas tu que eu seja? Alguma igual a ti, miserável?! Depois afastou-se desdenhosa, entre os

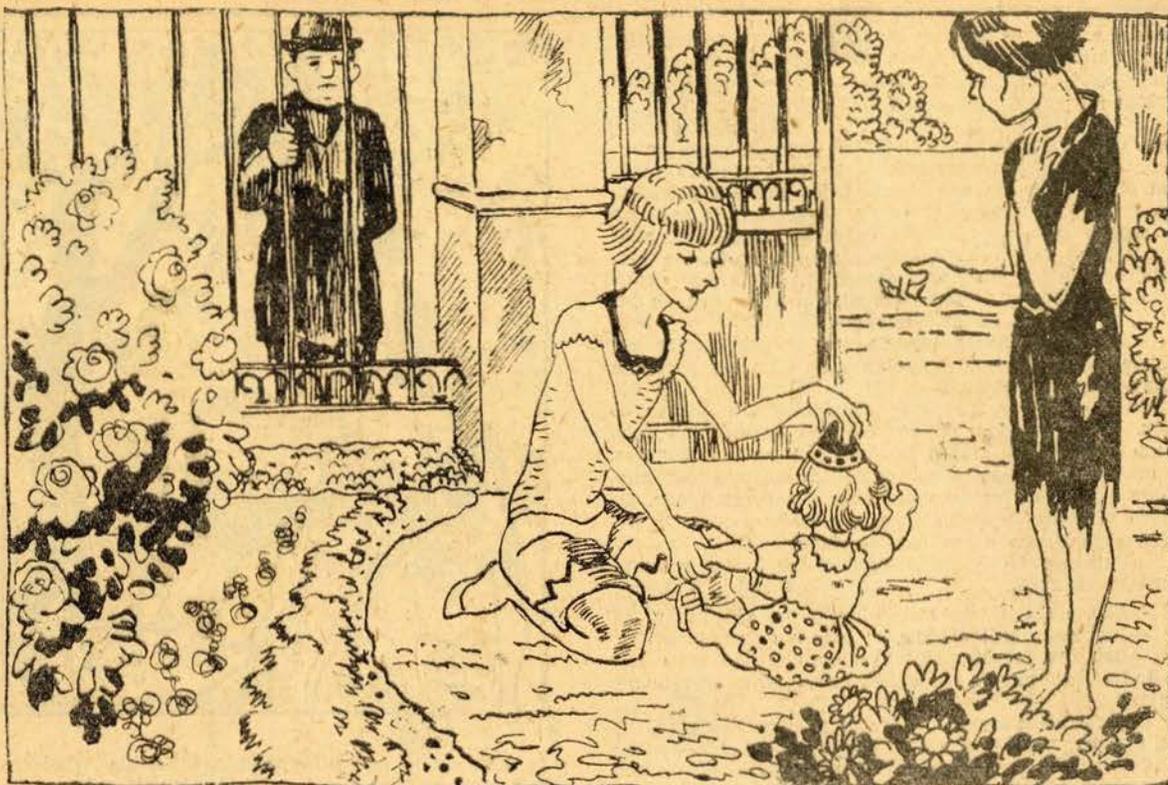


olhares indiferentes da família e os olhares exasperados do povo, que assistira a esta cena edificante!

Era numa quinta-feira, Margarida toda vestida de azul claro, com um panamá branco a livrá-la do sol ardente que nesse dia fazia, foi brincar para o jardim com as suas bonecas, que eram, a seu ver, as suas melhores companhias; isto, naturalmente, porque eram as únicas que lhe aturavam, com uma paciência infinita, todas as suas birras, todos os seus caprichos.

Mal tinha acabado de colocar as bonecas, conforme pedia a sua fantasia, ouviu um vôsita, débil e meigo, suplicar:—Menina, uma esmolinha por amor de Deus!

«Já irritada, Margarida voltou-se e viu uma pequena,



que devia ter aproximadamente a sua idade, toda vestida de negro, com o rosto impregnado de tristeza, e duma palidez denunciadora de grandes sofrimentos. Com a mãozinha trémula, estendida, esperava alcançar alguma coisa. daquela menina tão linda e tão rica, que, decerto, não recusaria aquilo que para ela bem pouco valia! Porém não foi assim. «As aparências iludem», diz o ditado e mais esta vez ele se confirmou. Indiferente àquele sofrimento e àquela fome, que estavam bem visíveis no rosto da mendiga, Margarida disse lacônicamente:—Vai-te, não pôde ser! Contudo Luizita (era assim o nome da pobrezinha) persistia em ficar onde estava. Impaciente, já, Guida bateu nervosamente o pezinho no chão, e voltou com rispidez:—Não ouviste?! Que esperas tu?!

Luizita ergueu, então, o olhar hesitante, triste, e implorou: «Ao menos uma pingüinha de água, tenho tanta sede, se soubesse...

—Apre que isto já é demais! Queres então que eu faça de tua criada (e, soltando uma risada)—que eu vá buscar água para a «mademoiselle», hein?! Vai-te já embora, se não queres que eu vá chamar um criado para correr contigo daqui!»

Cheia de dor, a pobrezinha afastou-se sem pronunciar uma palavra. Estava sufocada; as lágrimas embargavam-lhe a voz. Sofreu como poucas vezes tinha sofrido, a misera: Quiz o Destino, porém, que esta cena fosse presenciada pelo bondoso cura da aldeia, que, passando por ali e ouvindo as primeiras palavras ásperas da jovem Margarida, teve curiosidade de assistir ao desfêcho daquela mais do que agreste cena, que, diga-se de passagem, passou muito áquem do que ele esperava. Apressado, dirigiu-se a Luiza e disse-lhe numa voz acariciadora:—Vem comigo, minha filhinha... Eu te darei aquilo de que necessitas; ainda há-de vir a ser muito feliz, verás!... Vamos, pequena, não chores!»

—Ah, senhor cura, nem água ela me quis dar!

Nessa mesma tarde o cura foi cumprimentar os novos donos do solar. Estes receberam-no o melhor possível. Prometeram-lhe uma importante verba para as obras da sua igreja e ainda lhe entregaram cinco contos, para os seus pobres. Então, risonho e comovido com tão enternecedor acolhimento, o senhor cura, desejou ver a menina, a filha dos donos da casa.

—Antónia, traga cá a menina Guida, se faz favor! ordenou o sr. Soares.

—Sim, meu senhor, vou já chamá-la!... Muito tolinha, muito vaidosa por o senhor prior a querer ver, Margarida aproximou-se deste, sorridente.

—Deus a salve, menina Margarida! Então como tem passado? Gosta de cá estar?! O que me diz do nosso Minho?

—É muito bonito, gosto imenso de cá estar, mas é pena não vivermos antes numa cidade, onde a gente fosse menos selvagem... acrescentou Guida com ares sonhoris.

O cura não pôde deixar de sorrir.

—Chama-nos, então, selvagens, hein, sua marôta?!
—Não a si, senhor cura, é claro. Refiro-me a esses garôtos da rua, que, cada vez que me vêm, ficam de tal forma embasbacados, que me dá vontade de os correr à pedrada!»

—A pequena tem espirito, não é verdade, padre? interrompeu, desvanecida, uma das tias de Margarida.

—Espírito? V. Ex.^a acha que ela tem espirito? balbuciou o cura levemente irónico.

—Dão-me licença, meus senhores?

—O que queres, Antónia?—preguntou a senhora Soares.

—Foram as filhas do sr. dr. que mandaram cá recado para a menina Guida ir lá passar a tarde.

—Queres ir, Guida?

—Talvez... respondeu Margarida, fazendo-se um pouquinho rogada, como era aliás seu costume.

—Bent, vai-te então vestir! ordenou-lhe a mãe sorridente. Quando Guida se retirou, o senhor cura voltou-se para os circunstantes e disse:

«Vão-se talvez melindrar, com este meu desabafo, mas, acima de tudo, sou padre; preciso olhar pelas almas que a meu ver se encontram em perigo. Eis porque me resolvo a falar ou, antes, a dar-lhes um conselho. A menina Margarida vai por um péssimo caminho. A sua soberba e o seu egoísmo, que chegam a ser cruéis, só lhe podem trazer, de futuro, muito más consequências. É necessário, enquanto for tempo, moldar-lhe, por assim dizer, o seu feitio: castigá-la, severamente, quando for preciso. Nada de mimos, de dós, de contemplações! Ela hoje é uma criança, amanhã será uma mulher, e digam-

me que espécie de mulher será ela? Longe de espalhar a felicidade á sua volta, ela só semeará a desventura. Um homem sem coração é horrível, e uma mulher sem coração, o que será meus senhores?!»

Acostumados, como estavam, a só ouvir elogios á menina, dêsse elogios que as pessoas de fora dizem unicamente para agradar aos pais, a maior parte das vezes, sem sentir nada do que dizem, todos ficaram petrificados quando acabaram de ouvir as prudentes palavras do senhor cura. A principio quasi se ofenderam, mas, depois, com calma, reconsideraram que eram, na verdade, bem sensatos os seus conselhos. Tornava-se necessário agir enquanto fôsse tempo! Um vislumbre de luz ralou, finalmente, naqueles corações!

—Obrigado, senhor cura. Acaba de nos prestar um grande favor. De hoje em diante eu educarei a minha filha!—disse firmemente o pai de Margarida. No dia seguinte, o senhor cura fôra convidado a ir jantar ao solar. Eram 4 horas, quando elle deu entrada na sala. A um canto desta, Guida brincava com as suas bonecas, indiferente ás palestras que se davam naquele momento, e que não podia compreender pela sua pouca idade. De subito teve um capricho. Queria bombons, dêsse lá por onde dêsse, queria e havia de os obter!

—Paizinho, vamos no automóvel até á vila, comprar bombons, vamos?

—Não, menina,—respondeu-lhe o pai sêcamente.

—Mas eu quero! e começou logo a choramingar.

—Deixe-se de piéguices; já disse que não vai e não há-de ir; quem manda sou eu!—retorquiu-lhe ásperamente o pai.

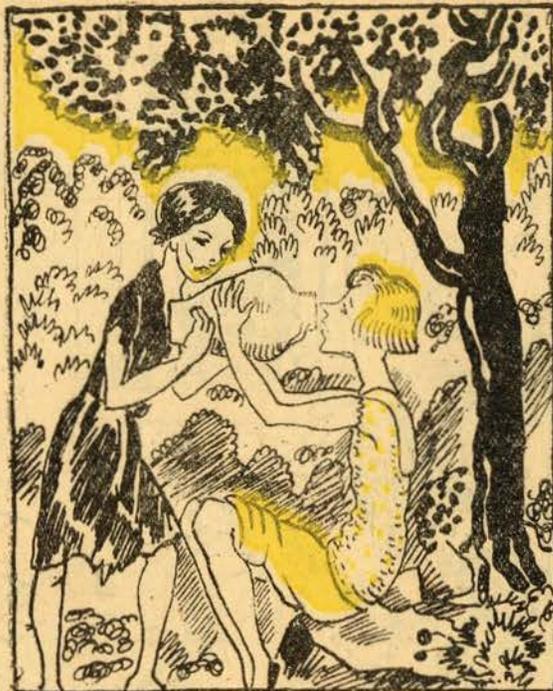
Surpreendida devêras, por ser pela primeira vez na sua vida contrariada nos seus caprichos, dirigiu-se, então, para a mãe e, numa voz um pouco trémula pelo furôr, exclamou:—mãe, o papá é máu, mas tu és boa; deixas-me ir comprar os bombons com a Antónia?

—Minha filha, se o teu pai disse que não, escusas de teimar. Louca de desespero, dirigiu-se ainda, embora com pouca esperança, para os avós e para as tias.

—Convençam os paizinhos a deixarem-me ir, sim? e fazia beicinho. Comovidos, êstes estavam quasi a transigir ante os seus rogos, quando um olhar do pai, os fez reconsiderar.

—Tem paciência, amanhã irás, os paisinhos não deixam... limitaram-se êles a dizer.

Então, a tempestade, por momentos oculta no seu peito, reventou. Começou a gritar, a chorar, a bater o pézinho, numa gritaria infernal. O padre sorria. Os avós



e as tias, ainda que intimamente comovidos, disfarçavam o mais possível a sua comocão. Os pais estavam impassíveis perante aquela dôr tão irreverentemente manifestada! Vendo que ninguém fazia caso das suas gritarias, levando o seu furôr ao extremo, Guida correu pelo corredor fôra, abriu a porta da rua, e desatou a correr, como uma doida, sem mesmo saber para onde ia dar.

A principio os pais quizeram detê-la, mas o cura, que assistia a esta pequenina tragédia, disse:—Deixem-na, ela ná-de voltar e... emendada! Pouco acostumada a sair só, conhecendo pouco os caminhos, Guida viu-se em breve numa estrada para ella completamente desconhecida. Onde estaria?! Já bastante aflita, resolveu ir andando ainda, até ver alguém que lhe ensinasse o caminho. Entretanto anoitecia. As forças principiaram a faltar-lhe, estava extenuada! O calor suocava-a, e uma sede horrível a arrellava. Para cúmulo da pouca sorte, ninguém passava. Já sem forças para caminhar mais, resolveu sentar-se na estrada, encostada a uma frondosa árvore. Duas horas haviam já decorrido. Silêncio absoluto! Ninguém! Então Margarida começou a ter medo da solidão em que estava. Em tudo ella já via fantasmas, sombras estranhas, mil e uma coisas que a aterravam cada vez mais. O calor, aumentando, fazia-lhe crescer assustadoramente a sua angustiada sede. Pela primeira vez, Guida recordou-se daquele dia em que tinha negado um copo de água a Luizita; compreendeu, enfim, quanto a mesma teria sofrido! Sabia avaliar agora! Passaram depois pelo seu pequenino cérebro, a recordação de todas as maldades que tinha feito aos pobrezinhos, e... sentiu remorsos. O seu coração principiava a acordar. Fôra preciso sofrer, para senti-lo vibrar... palpar... Chorou sentidamente, chorou arrependida das suas feias acções, e chorou com medo e com sede. O desespero tinha atingido o máximo! Gritou, pediu socorro, já sem esperanças de ser socorrida! Mas quando, já desalentada, se dispunha a passar ali a noite, sentiu passos perto de si. Muito contente voltou-se e... quem viu ella? Luizita, a pobre a quem ella havia recusado mitigar a sede! Por uma timidez, compreensível, não se atreveu a pedir-lhe nada. Dos seus lábios apenas saiu esta palavra:—«Perdão!» Luizita, admirada, aproximou-se de Guida e perguntou-lhe:—Perdão?! Perdão de quê, menina?! Que mal me fez para pedir-me perdão?! Ah! é que ella tinha esquecido; o seu coração puro, não sabia guardar ressentimentos, nem criar ódios! Comovidíssima, Margarida abraçou Luizita, que estava bem longe



O Soldado Português

Por AUGUSTO DE SANTARITA

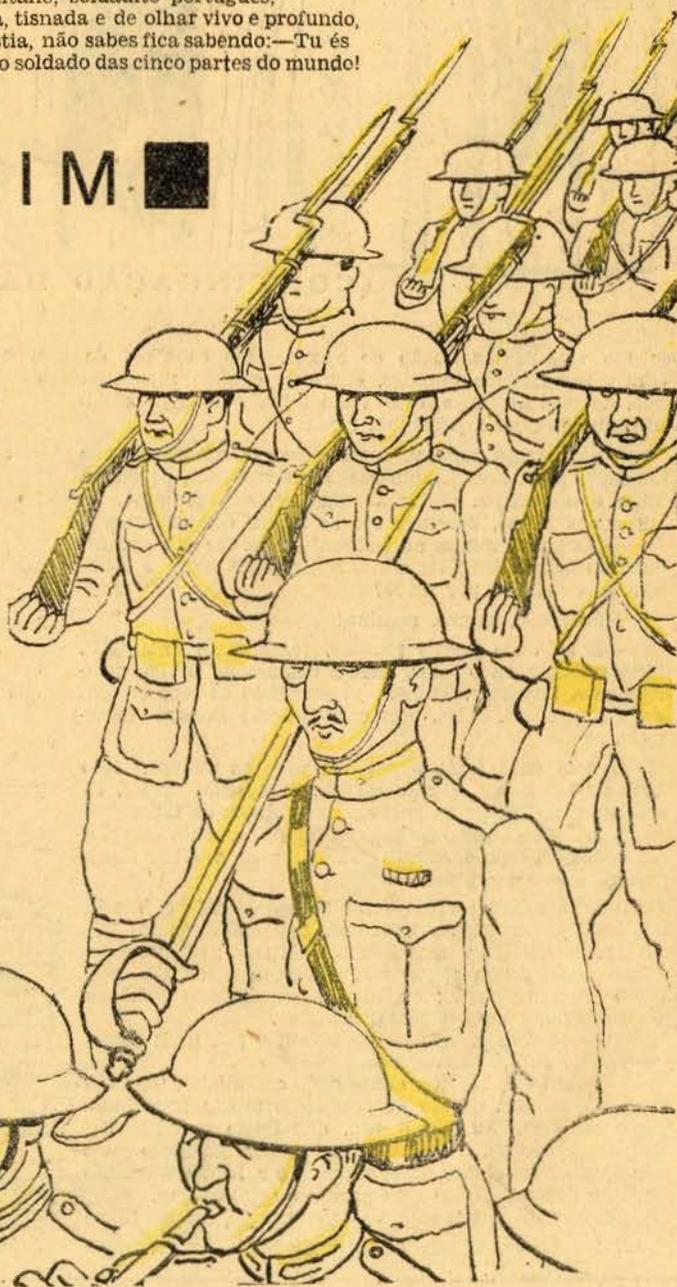


A' frente do regimento, ao som da banda a tocar,
teu aprumo a todos causa delirante entusiasmo,
e se combates, na guerra, a tua audácia sem par,
assombra o próprio inimigo, pondo o mundo todo em pasmo!

Quer te fique
a fama ignota
ao regressar das batalhas,
em Ourique
e Aljubarrota
tens sempre duas medalhas!

Soldadito luzitano, soldadito português,
de tês morena, tismada e de olhar vivo e profundo,
se, por modéstia, não sabes fica sabendo:—Tu és
o mais formoso soldado das cinco partes do mundo!

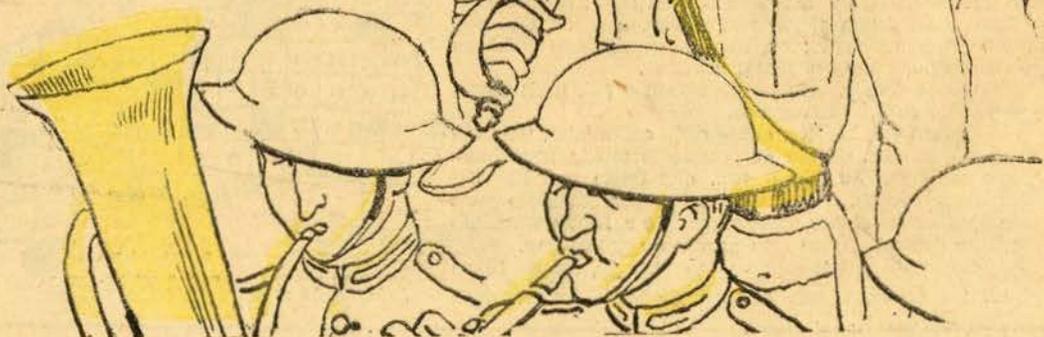
■ F I M ■

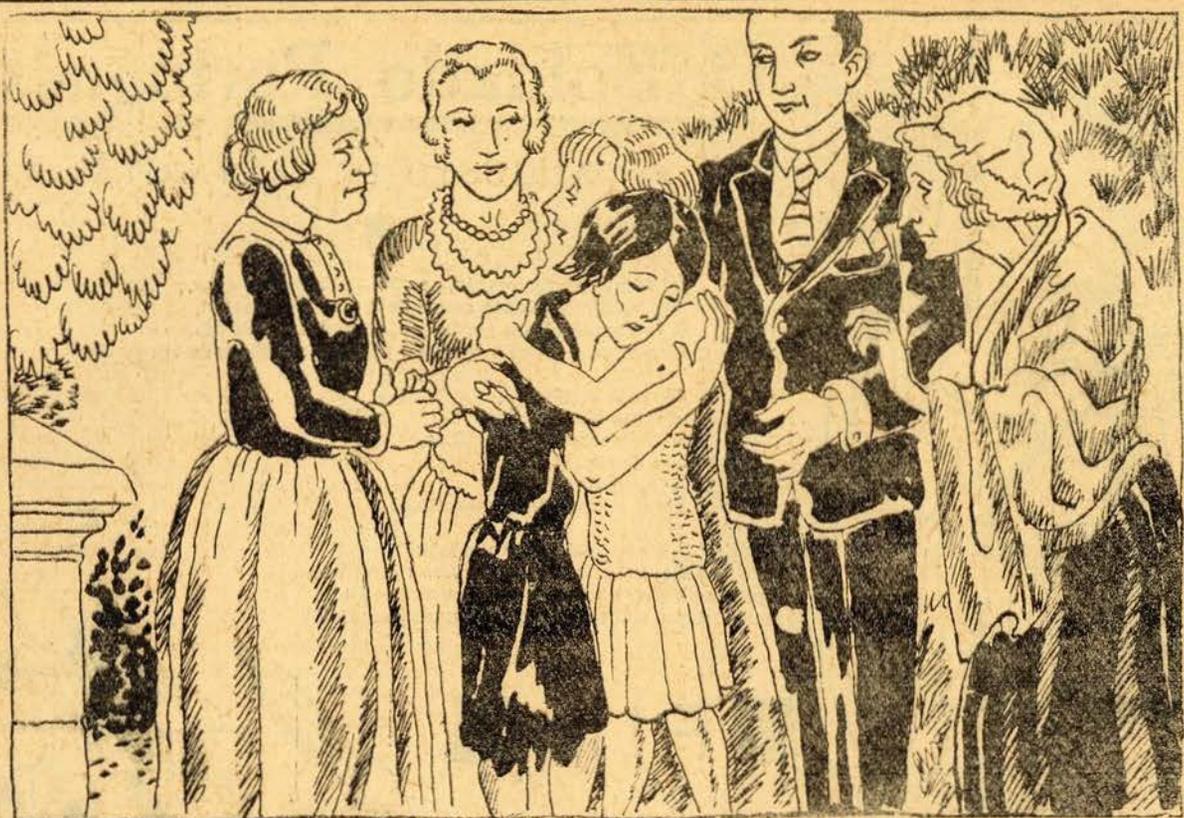


SOLDADITO português, soldadito marcial!... Tão bonito que tu és, soldado de Portugal!

De capacete de prata, de fardamento cinzento, de mochila, de espingarda e platina de cotim, és da Pátria portuguesa o mais formoso ornamento; não existe em todo o mundo soldado com garbo assim!

Ao marchares:
— Tuque-tuque
Tuque-tuque, num compasso,
tens os ares dum grã-duque
ao vir outr'ora do Paço!





(CONTINUAÇÃO DA 4.ª PAGINA)

de tão viva demonstração de affecto. Mas os olhos de Guida tornaram-se grandes, enormes, quando reparou que, ao lado de Luiza, estava um bilha com água muito fresquinha. Queria pedir-lha, mas...

Porém, Luiza reparou nesse olhar. Compreendeu que ela tinha sede. Então, num rasgo enternecedor, pegou na bilha e ofereceu-a. Guida tomou-a, e, sofregamente, levou-a aos lábios, bebendo até se saciar completamente.

—Obrigada, minha amiguinha!—disse-lhe ella agradecida, do mais intimo da alma. Ensinas-me agora o caminho de casa, sim, por favor?

—Pois não, minha menina!

—E as duas gentis garotas, ternamente enlaçadas, dirigiram-se para o solar, onde a demora de Guida, principiava a inquietar. Tinham já mandado os seus criados em sua procura. Estes, porém, ainda não tinham regressado.

O bom cura fazia o possível para os sossegar. Não tardará!—dizia elle. E não tardou. Margarida surgiu, finalmente, no limiar da porta acompanhada de Luiza.

O primeiro impeto da familia foi correr a abraçá-la, a recebê-la com efusão, com carinho. mas, a um olhar signivido do que aparentava.

A nossa pequenina correu para o regaço da mãe, e, lavada em lágrimas, supplicou:—Máizinha, paizinho... perdão! Fui má, fui desobediente mas nunca mais serei; afirmo-lhes! Nunca mais! Agora venho pedir-lhes um favor. Oh este, decerto que mo farão; eu queria... e sorriu-se com um sorriso lindo, como ella jámais sorrira).

—O que queres, dize?!—interrogou o pai, mais como licativo do cura, detiveram-se.

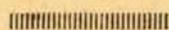
—Queria que Luizita, que é orfã, coitadinha, passasse a viver connosco. Queria que ella fosse minha irmãzinha. Ella é tão boa, tão boa e eu... que tanto mal lhe fiz! Margarida contou, a todos o seu vil procedimento para com Luiza, sem omitir coisa alguma, e a forma verdadeiramente nobre com que esta pagára o seu egoismo.

—Consinto plenamente na tua vontade, minha filha!

A um canto, a boa Antónia, limpava furtivamente

umas lágrimas rebeldes que lhe principiavam a correr em fio pelo rosto.

A comoção tinha-se comunicado a todos. O senhor Soares, visivelmente reconhecido, agradeceu ao bom cura, os seus inteligentes e proficuos conselhos.

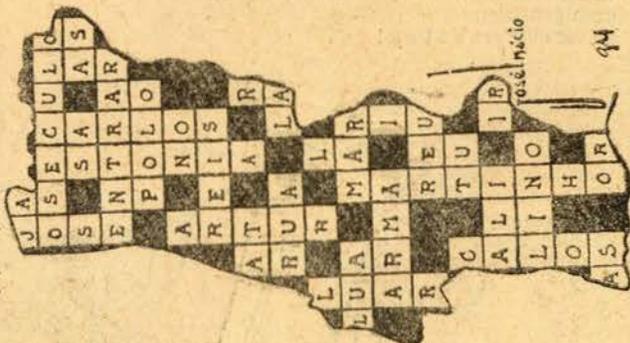


Alguns anos se passaram após este caso. Margarida cumpriu fielmente a sua palavra. Tornou-se boa, amável, humilde e amiga dos pobrezinhos.

Agora, sim; Margarida é feliz! Possui, enfim, um coração que sabe sentir as dôres alheias, um coração que sabe sofrer, um coração que sabe amar!

F I M

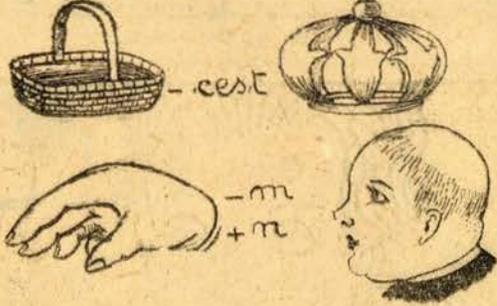
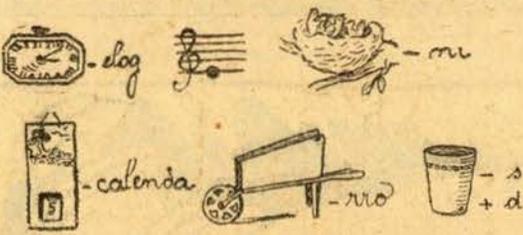
PALAVRAS CRUZADAS



Solução do numero anterior

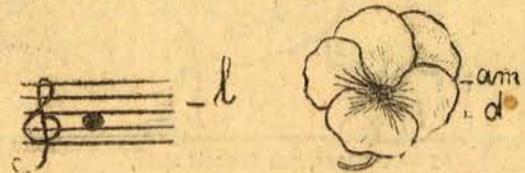
HORA DE RECREIO

ENIGMAS PITORESICOS



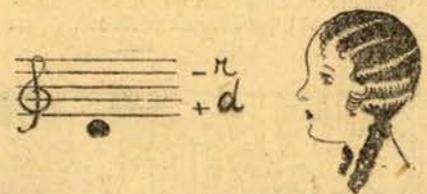
CHARADAS

- 1 — «Oferece» uma «nota musical» esta «peça de jogo» — 1 — 1.
- 2 — «Aqui» este «bata-ribo» está na «face» — 1 — 1.
- 3 — Esta «nota musical» dá-nos «pena» tocada nesta «canção portuguesa» — 1 — 1.

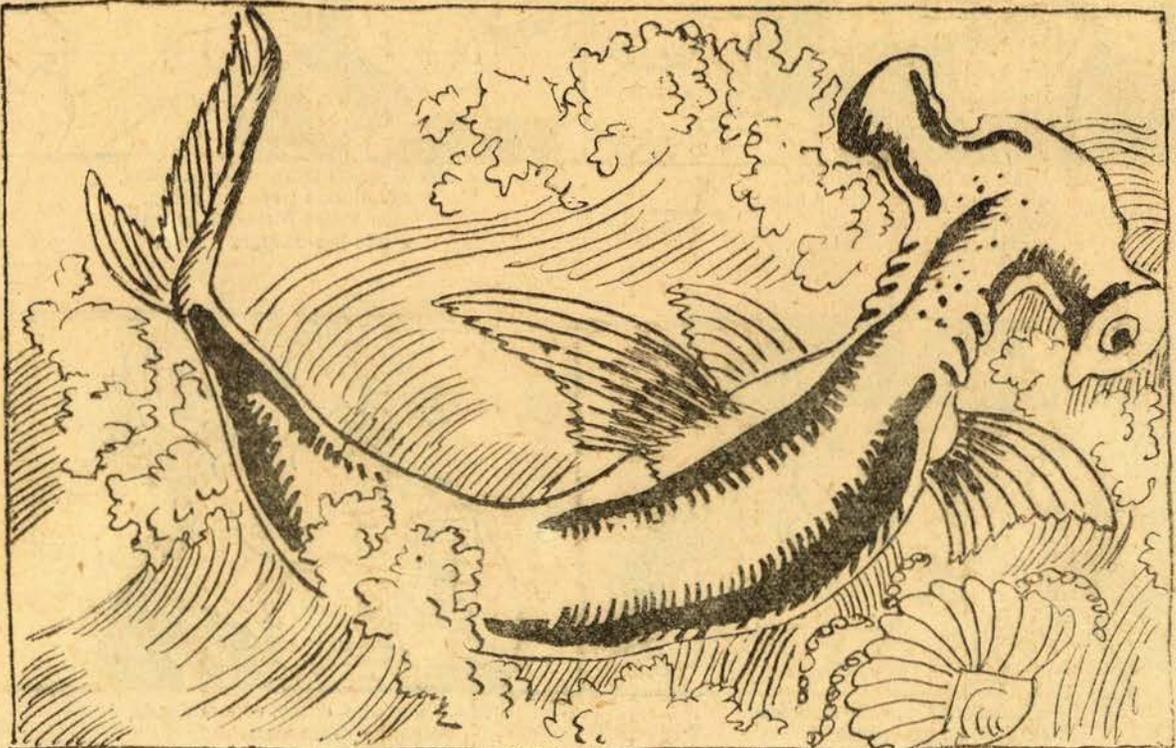


ADIVINHAS

- 1 — Qual a serra portuguesa que está no arco iris?
- 2 — Qual a terra portuguesa que nos abre a porta?
- 3 — Qual o rio português que tanto pode estar na capoeira como no ar?
- 4 — Qual a serra portuguesa que está no céu?
- 5 — Qual a serra portuguesa que existe nas casas?



PARA OS MENINOS COLORIREM



O PEIXE MARTELO

O PRESENTE DE CHIQUINHO



I — A Micas, que faz seis anos, bate palmas de contente, porque o Chico — um dos seus manos — diz que vai dar-lhe um presente.

II — «Que será o presentinho?!» A Miquinhas nem presume. Nisto, aparece o Chiquinho com um frasco de perfume.



III — Mas, em lugar de lho dar, o Chiquinho, a tórto, a êsmo, começa, logo, a espalhar a essência sôbre si mesmo.

IV — Com mãozinhas desenvoltas, Miquinhas pede-lho então, mas Chico corta-lhe as voltas e não lho dá para a mão.



V — «Trapalhão!...» diz a chorar, em face de tal recusa: «disseste que mo ias dar e, afinal, és quem o usa.

VI — Chiquinho, então, com maldade, responde desta maneira: Eu é que o uso, é verdade, porém, és tu quem o cheira!»